



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022



ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0117-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.179222704>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Há uma concordância fundamental entre arquitetos e urbanistas: não há, em qualquer exercício de síntese - de projeto ou planejamento -, a anistia da dúvida, da incerteza, da divergência, do conflito ou mesmo de antagonismos. Isso porque a arquitetura e o urbanismo - embora gozem de boa parte de suas constituições das ciências exatas - possuem componentes materiais, econômicos, sociais, estéticos, filosóficos e psicológicos difíceis de serem conciliados ou que encontremos para eles uma convergência unânime. A síntese, a sina do exercício de projeto e planejamento, tende a encobrir ou ao menos momentaneamente ofuscar as divergências. Tende, pois tais divergências permanecerão, mais evidentes, latentes ou como estão, até que sejam revisitadas e trazidas à tona.

Qualquer solução arquitetônica ou urbanística apresentada a um problema de projeto será apenas uma dentre diversas soluções possíveis. Mesmo que as variáveis projetuais trazidas por dados objetivos e instrumentos de alta precisão nos indiquem um caminho a ser seguido, seu curso passará sempre pela interpretação do problema anunciado. Ou seja, tudo que vemos pelas janelas dos apartamentos ou caminhando pelas ruas das cidades poderia ser diferente, de outro modo. Há, na ótica da criatividade humana centrada no exercício do projeto e do planejamento, outras infundáveis realidades possíveis.

A crítica, elemento fundamental e imprescindível do fazer arquitetônico e urbanístico, é o recurso que temos para medir o real pelo ideal. A crítica estabelece as regras do jogo a ser jogado e nos dá os parâmetros concretos e imaginados. Ela leva luz às divergências outrora encobertas. Ela revela o que foi por ora deixado de lado. Ela produz uma dialética que nos permite reconhecer as divergências do nosso campo e conceber, ainda que circunstancialmente ou diante de temas sensíveis e ilustrados, como a dignidade humana e o respeito ao meio ambiente, convergências de perspectivas. A crítica nos coloca como responsáveis pela história até então produzida e nos dá a autoria do porvir.

Arquitetura e urbanismo: Divergências e convergências de perspectivas, produzido pela Atena Editora, traz estes temas para o debate em 18 capítulos. Este volume constitui, assim, uma contribuição importante para o reconhecimento de que nosso campo é múltiplo, diverso e que não há unanimidades. É um campo, assim como qualquer campo profissional e coletivo, em plena disputa.

Mas, por outro lado, institui ou indica certas convergências: a necessidade de salvaguardar nosso Patrimônio Cultural; a introdução acelerada de instrumentos e técnicas digitais ao processo de projeto; a cidade e o território como fenômenos culturais e coletivos; o imperativo da conciliação entre ambiente construído e ambiente natural; e, por fim, que a arte, em sua multiplicidade de manifestações, seja pública e aberta. Além do

reconhecimento destas convergências, este livro problematiza o porquê de tais fenômenos e as possibilidades de com eles lidar.

Estimo, assim, excelente leitura a todas e todos!

Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LA FORMA DE LA CIUDAD ES SIEMPRE LA FORMA DE UN TIEMPO DE LA CIUDAD

Lúisa Valente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227041>

CAPÍTULO 2..... 18

DESDE LA REDISTRIBUCIÓN DE LOS CUIDADOS HACIA LA DESMILITARIZACIÓN URBANA EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Patricia Costa Pellizzaro

Neridiane Garcia da Silva


Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227042>

CAPÍTULO 3..... 41

DIREITO À CIDADE POR MEIO DA ARTE: OBSERVAÇÃO E PERSPECTIVAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA ARQUITETURA DE SALVADOR

Alyne Cosenza Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227043>

CAPÍTULO 4..... 51

APROPRIAÇÃO DE PARQUES URBANOS: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO E GESTÃO

Neridiane Garcia da Silva

Patricia Costa Pellizzaro

Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227044>


CAPÍTULO 5..... 67

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA COMO INSTRUMENTOS DIACRÓNICOS DE ANÁLISE DO TECIDO URBANO — ÉVORA E SETÚBAL, PORTUGAL

Maria do Céu Simões Tereno

Manuela Maria Justino Tomé


Maria Filomena Mourato Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227045>

CAPÍTULO 6..... 79

DESIGN E CENÁRIOS PROSPECTIVOS APLICADOS AO URBANISMO TÁTICO: O FUTURO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS

Lorena Gomes Torres de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227046>

CAPÍTULO 7..... 95

INVENTÁRIO BOTÂNICO-PAISAGÍSTICO DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX: O

ESTADO ATUAL

Diego Rodriguez Crescencio

Marlon da Costa Souza

Leticia Dias Lavor

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227047>

CAPÍTULO 8..... 108

ARQUITETURA ESCOLAR E BIOCLIMATOLOGIA: OS IMPACTOS DA PADRONIZAÇÃO NO CONFORTO TÉRMICO DE ESCOLAS BRASILEIRAS

Paula Scherer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227048>


CAPÍTULO 9..... 120

ASPETOS BIOCLIMÁTICOS DA ARQUITETURA DA POPULAR PORTUGUESA

Jorge M. dos Remédios Dias Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

Fernando G. Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227049>

CAPÍTULO 10..... 134

INFLUÊNCIA DA ILUMINAÇÃO NATURAL NO AMBIENTE ESCOLAR NO RITMO CIRCADIANO DOS ALUNOS

Ana Luiza de Mello Ward

Erika Ciconelli de Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270410>

CAPÍTULO 11..... 151

ANÁLISE DE DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE POROSIDADE EM CFD

Isabela Tibúrcio

Melyna Nascimento


Leonardo Bittencourt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270411>

CAPÍTULO 12..... 166

A CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO POR PROFISSIONAIS E AS TECNOLOGIAS EMERGENTES

Hana de Albuquerque Gouveia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270412>


CAPÍTULO 13..... 179

CONTRIBUIÇÃO À INSPEÇÃO ESPECIALIZADA APLICADA AOS HELIPONTOS ELEVADOS DO TIPO PLATAFORMA DE DISTRIBUIÇÃO DE CARGA EM ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO: ESTUDO DE CASO

Alexandre Magno de Campos Dutra

João da Costa Pantoja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270413>

CAPÍTULO 14	200
MOSAICO: VIDA E ARTE	
Sarah Jamille Pacheco Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270414	
CAPÍTULO 15	211
O CINEMA COMO DOCUMENTO: A ARQUITETURA COMO UM VEÍCULO DE ENTENDIMENTO DE UMA SOCIEDADE NA OBRA FÍLMICA DE FICÇÃO	
Alexandre Albuquerque	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270415	
CAPÍTULO 16	223
MUSEUS EM COMUNIDADES, TURISMO E CULTURA: PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO	
Sergio Moraes Rego Fagerlande	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270416	
CAPÍTULO 17	241
LOS CENTROS DE INTERPRETACIÓN DEL ARTE RUPESTRE, UN MEDIO DE PROTECCIÓN Y DIFUSIÓN PATRIMONIAL	
Jorge Alberto Porras Allende	
Heidy Gómez Barranco	
Herwing Zeth López Calvo	
Jorge Iván Porras Sánchez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270417	
CAPÍTULO 18	253
O ÚLTIMO TRAÇO DE NIEMEYER NA PAMPULHA: DA INVISIBILIDADE À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O PAINEL DA CASA DO BAILE	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
Daniela Tameirão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270418	
SOBRE O ORGANIZADOR	276
ÍNDICE REMISSIVO	277

CAPÍTULO 5

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA COMO INSTRUMENTOS DIACRÓNICOS DE ANÁLISE DO TECIDO URBANO — ÉVORA E SETÚBAL, PORTUGAL

Data de aceite: 01/04/2022

Maria Tereno

Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora
Portugal
ORCID 0000-0002-7997-6609

Manuela Tomé

Arquiteta, investigadora independente

Maria Monteiro

Arquiteta, investigadora independente

RESUMO: A evolução das cidades pode ser interpretada através de elementos gráficos, como o recomendado por *Marcus Vitruvius Pollio* (1º século a.C.) (Maciel, 2006), cujas formas de expressão eram planos, elevações e perspectivas, que se revelam como instrumentos preciosos e confiáveis para a leitura das cidades. Importa estabelecer esses elementos, que aparecem como representações de cidades, em vários estágios de construção das suas malhas urbanas, em documentos como a cartografia ou a iconografia. Estes são testemunhos relevantes na análise e permitem uma leitura atenta da "realidade" das cidades, em épocas distintas. Para além de compreendê-los como representações dum determinado período, eles permitem a reinterpretação atual do tecido urbano, devendo ser considerados instrumentos dinâmicos na compreensão da leitura das cidades. Tendo em conta a cartografia

e a iconografia de várias épocas, faremos uma análise comparativa do tecido urbano histórico, de duas cidades, com recurso à implantação e ao desenvolvimento urbano diferenciados (Évora e Setúbal). Para alcançar esses objetivos, iremos ler e interpretar elementos morfológicos da Cidade Medieval (fortificações, praças, ruas, quarteirões, mercados, edifícios singulares entre outros) e estes respetivos documentos testemunhais, a fim de se compreender a evolução diacrónica, nas suas semelhanças e diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia; Iconografia; Tecido urbano; Interpretação.

ABSTRACT: The evolution of cities can be interpreted through graphic elements, such as the one recommended by *Marcus Vitruvius Pollio* (1st century BC) (Maciel, 2006), whose forms of expression were plans, elevations and perspectives, which reveal themselves as precious and reliable instruments for reading cities. It is important to establish these elements, which appear as representations of cities, in various stages of construction of their urban fabrics, in documents such as cartography or iconography. These are relevant testimonies in the analysis and allow an attentive reading of the "reality" of cities, at different times. In addition to understanding them as representations of a certain period, they allow the current reinterpretation of the urban fabric, and should be considered dynamic instruments in the understanding of the reading of cities. Taking into account the cartography and iconography of different periods, we will make a comparative

analysis of the historical urban fabric, of two cities, using differentiated implantation and urban development (Évora and Setúbal). To achieve these objectives, we will read and interpret morphological elements of the Medieval City (fortifications, squares, streets, blocks, markets, unique buildings, among others) and these respective testimonial documents, in order to understand the diachronic evolution, in its similarities and differences.

KEYWORDS: Urban morphology; cartography, image of cities, evolution and geomorphology.

INTRODUÇÃO

A evolução das cidades pode ser interpretada através de elementos gráficos, como o recomendado por *Marcus Vitruvius Pollio* (1º século a.C.) (Maciel, 2006), cujas formas de expressão eram planos, elevações e perspectivas, que se revelam como instrumentos preciosos e confiáveis para a leitura das cidades. Importa estabelecer esses elementos, que aparecem como representações de cidades, em vários estágios de construção das suas malhas urbanas, em documentos como a cartografia ou a iconografia. Estes são testemunhos relevantes na análise e permitem uma leitura atenta da “realidade” das cidades, em épocas distintas. Para além de compreendê-los como representações dum determinado período, eles permitem a reinterpretção atual do tecido urbano, devendo ser considerados instrumentos dinâmicos na compreensão da leitura das cidades. Tendo em conta a cartografia e a iconografia de várias épocas, faremos uma análise comparativa do tecido urbano histórico, de duas cidades, com recurso à implantação e ao desenvolvimento urbano diferenciados (Évora e Setúbal). Para alcançar esses objetivos, iremos ler e interpretar elementos morfológicos da Cidade Medieval (fortificações, praças, ruas, quarteirões, mercados, edifícios singulares entre outros) e estes respetivos documentos testemunhais, a fim de se compreender a evolução diacrónica, nas suas semelhanças e diferenças.

A GEOMORFOLOGIA NA IMAGEM DAS CIDADES

O desenvolvimento urbano tem na sua génese características semelhantes, apesar de derivarem de necessidades humanas idênticas, verificando-se que cada núcleo urbano apresenta características inerentes à respetiva implantação, em topografias muito diferenciadas com características geomorfológicas próprias e singulares.

A vivência das sociedades, num determinado território, com as suas especificidades próprias proporciona a criação das diversas dimensões da mesma, tais como fatores culturais, económicos, funcionais e simbólicos, que originam um processo cognitivo de identidade. A conjugação deste conjunto de fatores determina também, indubitavelmente, a criação de elementos estruturantes específicos a cada urbe. Destes salientam-se os espaços de utilização pública, tais como praças, ruas, quarteirões, e os edificados como sejam, os equipamentos, os edifícios singulares e também a arquitetura de carácter comum.

Considerando os casos de estudo, quanto ao respetivo enquadramento

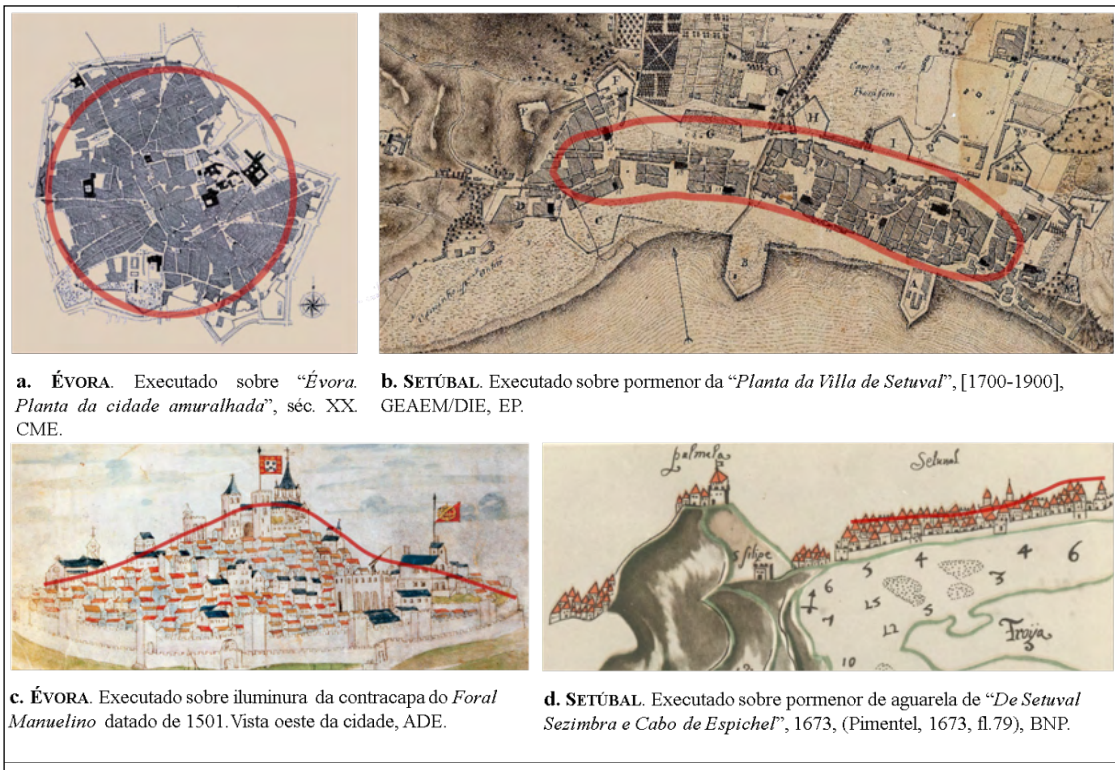
geomorfológico, temos a cidade de Évora no interior do país, no centro da província do Alentejo, em território de planície, numa colina suavemente modelada, e a cidade de Setúbal, no litoral ocidental atlântico, numa baía em vale junto à foz do Rio Sado, circundada pelas serras da cordilheira da Arrábida. A distância entre estas duas cidades é de apenas 82,25 km, no entanto as condições ambientais, geográficas e morfológicas determinaram implantações e desenvolvimentos económicos e urbanos bastante diferenciados (**Fig. 1**) baseados numa economia ligada aos produtos da terra, nomeadamente a cultura cerealífera, no caso de Évora e ligada aos produtos e atividades fluvio-marítimas, com grande relevância para a atividade salineira, no caso de Setúbal.

A preocupação pela representação do espaço ocupado pelo homem existe desde tempos muito remotos. A ilustrá-lo pode-se considerar o conjunto de fragmentos que representam ou cartografam a antiga cidade de Roma pelos seus habitantes coevos. Este é um documento valioso para a visualização de uma antiga cidade romana, demonstrando a relevância da cartografia para a compreensão das cidades, embora não se conheçam representações cartográficas de Évora e de Setúbal, desta época, estas foram edificadas através do reaproveitamento das estruturas romanas ou sobre elas, respetivamente.

Évora está assinalada na cartografia antiga, a partir do séc. XVI como um importante núcleo urbano surgindo nos mapas de Portugal e Espanha com a correspondente representação simbólica, Setúbal surge na cartografia de carácter náutico a partir do séc. XIV, estando assinalada com a representação correspondente a um porto importante, a partir do séc. XV, devido às rotas comerciais marítimas entre as potências económica daquela época, nomeadamente as trocas comerciais efetuadas a partir do seu porto.

Na cartografia mais recente, que já permite uma análise do espaço urbano, observamos formas distintas de implantação e de expansão, cuja configuração e morfologia são influenciadas e determinadas pelas geografia e topografia do local (**Fig. 1 - a e b**).

Na iconografia representada (**Fig. 1 - c e d**) é possível verificar a diferenciação do perfil desenhado para as duas cidades, relacionado com uma topografia que determinada e molda a imagem à medida que a implantação urbana foi crescendo.



a. ÉVORA. Executado sobre “Évora. Planta da cidade amuralhada”, séc. XX. CME.

b. SETÚBAL. Executado sobre pormenor da “Planta da Villa de Setuval”, [1700-1900], GEAEM/DIE, EP.



c. ÉVORA. Executado sobre iluminura da contracapa do *Foral Manuelino* datado de 1501. Vista oeste da cidade, ADE.



d. SETÚBAL. Executado sobre pormenor de aguarela de “De Setuval Sezimbra e Cabo de Espichel”, 1673, (Pimentel, 1673, fl.79), BNP.

Fig. 1: Formas do desenho e da imagem urbana de Évora e de Setúbal.

Embora condicionada pela topografia, as cidades assumiriam as orientações de Vitruvius (Maciel, 2006, p. 41) para qualquer urbe do Império. Os equipamentos públicos, a regularidade no traçado e a dimensão das ruas foram essenciais, para definir a imagem urbana.

Évora é uma cidade de génese muito remota conservando atualmente o seu centro histórico envolvido por um conjunto de muralhas cuja construção remonta à Baixa Idade Média e que são marcantes na leitura da imagem urbana da cidade (Fig. 1 - c).

A morfologia do tecido urbano de Setúbal constituiu-se, com uma forma alongada, gerando-se com orientação de eixos urbanos paralelos à linha de costa (Fig. 1 - b).

REFERÊNCIAS MORFOLÓGICAS MEDIEVAIS

As preocupações com a defesa das cidades conduziram à necessidade de fortalecer os sistemas defensivos através do reforço das estruturas existentes ou da construção de novas estruturas, surgindo, no âmbito destes projetos, levantamentos cartográficos que nos dão informações mais detalhadas dos vários espaços que precisavam de ser intervencionados. Em Évora surgem estes documentos na época moderna, no entanto

em Setúbal foi sentida a necessidade do fortalecimento estratégico da defesa durante a governação espanhola, quer pela necessidade de proteção da costa, nomeadamente deste importante porto, quer pela aproximação a Lisboa e respetiva integração no sistema defensivo da capital, tendo sido efetuados levantamentos na então “Vila” para os estudos do projeto de construção da fortaleza de S. Filipe, por *Filipe Terzio*, daí advindo o desenho da “*Planta da Villa e Porto de Setúbal*”, do final do séc. XVI, o qual ainda não é pormenorizado ao nível de quarteirão mas são desenhadas as principais vias e espaços públicos livres da urbe medieval, nomeadamente as praças.

Também os diários de viagens nos dão informações sobre as fortificações, praças, ruas, quarteirões, mercados, e edifícios mais relevantes das cidades, que informam as suas morfologias e imagens. Nos casos em estudo realçamos a descrição da viagem de Cosme de Médicis e os respetivos desenhos de *Pier Maria Baldi* (**Fig. 2**).

Sobre Évora é referido que:

“Evora è citta di 4000 fuochi posta sopra un rialto in mezzo d’una campagna piana, fértil e coltivata. Ella è senza controversia dopo Lisbona, la prima del Regno fino ai tempi del Re Don Sebastiano abitazion dei Re, da cui un grandissimo numero di famiglie titolari ed illustri riconosce l’origine, e vi conserva sino al dí d’oggi, e casa ed avere.” (Faria, 1901, p. 38).

Sendo mencionado sobre Setúbal que:

“Setubal è villa di 2000 fuochi capo di comarca, dove stà il Corregedor, et insieme il famoso Porto di Mare, vantato da molti per la prima fondazione di tutta Spagna, lusingati leggermente dal nome a crederlo edificato da Tubalcain discendente da Noé. Si distendon le case in forma di mezzo cerchio lungo la spiaggia d’una deliziosa pianura, che riman serrata tra un seno di monti vestito di bosco, e seminati di ville, onde l’aspetto per ogni parte vaghissimo.” (Faria, 1901, pp. 42-43).

Na cidade de Évora existia na Alta Idade Média um centro urbano de génese muito remota que era envolvido por um perímetro de muralha de edificação romana, aqui assinalado. Em Setúbal não se conhecem estruturas defensivas que remontem a essa época e cuja existência poderia ter influenciado a atual forma medieval amuralhada. Em Évora foi construída uma segunda cintura de muralhas que abrangeu toda a expansão urbanística consolidada durante os sécs. XIII-XV. Esta passou a integrar dois espaços concêntricos, ligados pelas primitivas portas romano/godas. No início do séc. XVI o centro económico e cívico da cidade mudou-se do interior do primitivo espaço para o exterior. O tecido urbano estava consolidado no final da Idade Média. As edificações foram-se adensando junto aos principais eixos e praças. A localização de conventos e mosteiros foram determinantes para essa densificação visto serem polos dinamizadores de uma economia urbana fundamental nessa época. Na leitura da imagem urbana medieval ressaltam as principais igrejas (**Fig. 2 - a**).

Após a reconquista Cristã, o poder religioso, em Setúbal, era distribuído pelas igrejas

de Santa Maria e de S. Julião, que se afirmaram como as duas primeiras freguesias até ao séc. XVI, aquando da criação em 1553, das freguesias de S. Sebastião¹ e Nossa Senhora da Anunciada. No séc. XIV, quando foi construída a cintura de muralhas, já existiam estas igrejas mas também a igreja de N. Sra. da Anunciada que foi deixada no exterior, e os restantes núcleos componentes do espaço e sociedades medievais, a judiaria e a mouraria, gerados no tecido urbano constituído do seu centro, a Praça da Ribeira, que no séc. XVI se mudou para a Praça do Sapal. As quatro igrejas paroquiais estão referidas na viagem de Cosme de Médicis (Faria, 1901, p. 45) e desenhadas no perfil urbano como pontos referencias na vila, por *Pier Maria Baldi* (**Fig. 2 - b**). O espaço urbano limitado por esta muralha apresenta uma estrutura base apoiada na *Praça*, enquanto centro urbano, político, jurídico administrativo, mercantil e cívico, e estruturada a partir do principal arruamento que ligava a Porta da Ribeira à Porta da Vila e assegurava a comunicação com os vários espaços da povoação. A partir do séc. XVI, com as grandes alterações urbanísticas de D. João III as relações urbano-morfológicas modificaram-se com a abertura de novas ligações a partir de novas portas construídas na muralha, com a adaptação à nova centralidade de equipamentos urbanos e o surgimento de largos, ou atuais praças. Assistiu-se a um crescimento para além dos limites da cerca muralhada que em cada momento seguiu os parâmetros organizacionais definidores e geradores da forma, a partir do seu centro, com a influência da linha da costa na continuidade do arruamento principal, para Poente e para Nascente, e com o progressivo surgimento de praças que contribuíram para a constituição de novas centralidades (**Fig. 4 - b**).

Uma das características da cidade medieval de Évora é que, apesar da diversidade de tipologias urbanas, ela cresceu a partir do primitivo centro amuralhado para um ou mais espaços abertos, junto às portas da fortificação, e que se converteriam em futuras praças. Em finais do século XV, a construção do segundo circuito amuralhado circunscreveu a área urbana, incentivando a afluência do fluxo de circulação para as portas nelas existentes. O espaço urbano limitado pela muralha medieval apresenta uma evolução baseada no núcleo primitivo, com malhas de diferentes desenhos estruturados a partir do centro (Praça de Giraldo) e das vias que irradiam das portas da muralha romana (Alconchel, D. Isabel e de Moura) (**Fig. 4 - a**).

A necessidade de espaços livres amplos ao longo do interior das muralhas, para circulação das forças defensivas e a existência de terreiros situados nas portas mencionadas determinaram a localização de mais construção compelindo a uma densificação progressiva nas restantes áreas. Um dos aspetos marcantes na cidade medieval de Évora foi a estadia da corte portuguesa na urbe e as consequências daí resultantes.

Em Évora o núcleo urbano inicial centralizou a evolução e determinou a organização radial dos vários tipos de desenho urbano, cujas vias irradiam a partir das principais portas.

A urbe medieval nestas cidades era composta por múltiplos grupos sociais, com

¹ A Igreja de S. Sebastião foi demolida no séc. XIX.

mescla de raças e religiões, cristãos, mouros e judeus, autóctones e imigrantes, cuja coexistência nem sempre era pacífica, no entanto foi um fator relevante na diversidade cultural e dinâmica social.



a. ÉVORA. Executado sobre pormenor de “EVORA”, by Pier Maria BALDI, 1668-1669, (Magalotti & Baldi, 1933), BNCf, BML.



b. SETÚBAL. Executado sobre pormenor de “Satubal”, by Pier Maria BALDI, 1668-1669, (Magalotti & Baldi, 1933), BNCf, BML.

Fig. 2: Principais referências da época medieval, na imagem urbana de Évora e de Setúbal.

MALHA URBANA NA ÉPOCA MODERNA

Após a Restauração da Independência de Portugal, em 1640, foi reforçado o sistema defensivo do qual fez parte a construção de uma fortificação moderna abaluartada que circunscreveu a área urbana consolidada. Desta época chegaram até nós diversos estudos e levantamentos efetuados pelos vários engenheiros militares que trabalharam nas fortificações, que nos permitem fazer uma leitura mais aprofundada sobre os elementos morfológicos que mais relevantemente influenciam as cidades. Também muitas cópias surgiram, de autores nacionais e estrangeiros e algumas anónimas, executadas com base nestas plantas cartográficas (Fig. 3). Em Évora distinguiram-se, entre outros, na construção da fortificação abaluartada os engenheiros militares *Charles Lassart*, *Jean Gillot*, *Nicolau de Langres*. De Setúbal, consideramos com grande relevância os desenhos de *Jean Gillot*, com grande definição de detalhes do arrabalde a Nascente, de João Roiz Mouro e de João Thomas Correa. Tal como em Évora *Nicolau de Langres*, trabalhou também em Setúbal,

tendo efetuados desenhos da fortificação, embora de traçado mais simplificado.

Estas fortificações seiscentistas continuaram a tendência da geometria do espaço ocupado pela anterior muralha medieval, e a anterior centralidade do “centro urbano” com a convergência das principais linhas orientadoras da urbe (Fig. 4).

Este sistema defensivo concretizado em Évora, contribuiu pouco para a formação de novo tecido urbano considerando que os baluartes edificados se situaram muito próximo do segundo perímetro amuralhado e a necessidade de amplo espaço livre inviabilizava a constituição de mais tecido urbano. Desta fortificação abaluartada partem radialmente as estradas, para Lisboa e Setúbal através da Porta de Alconchel, para Estremoz pela Porta de Avis e, para Beja, através da Porta de Machede. Estas ligações urbanas resultaram dos antigos caminhos que evoluíram para vias de circulação preferenciais e deram origem às aberturas mais convenientes no conjunto defensivo edificado ao longo dos séculos.

Em Setúbal, esta fortificação veio criar novos limites e uma nova relação de influências na morfologia urbana, quer entre os vários espaços urbanos, quer na relação da nova urbanidade com a envolvente rural. Os anteriores arrabaldes ficaram, desde então integrados no núcleo urbano e formaram os bairros. O centro urbano continuou a desempenhar as suas funções, comunicando com as restantes zonas através da Rua Direita, que se estendeu e ramificou atravessando os bairros, num paralelismo à linha de costa.

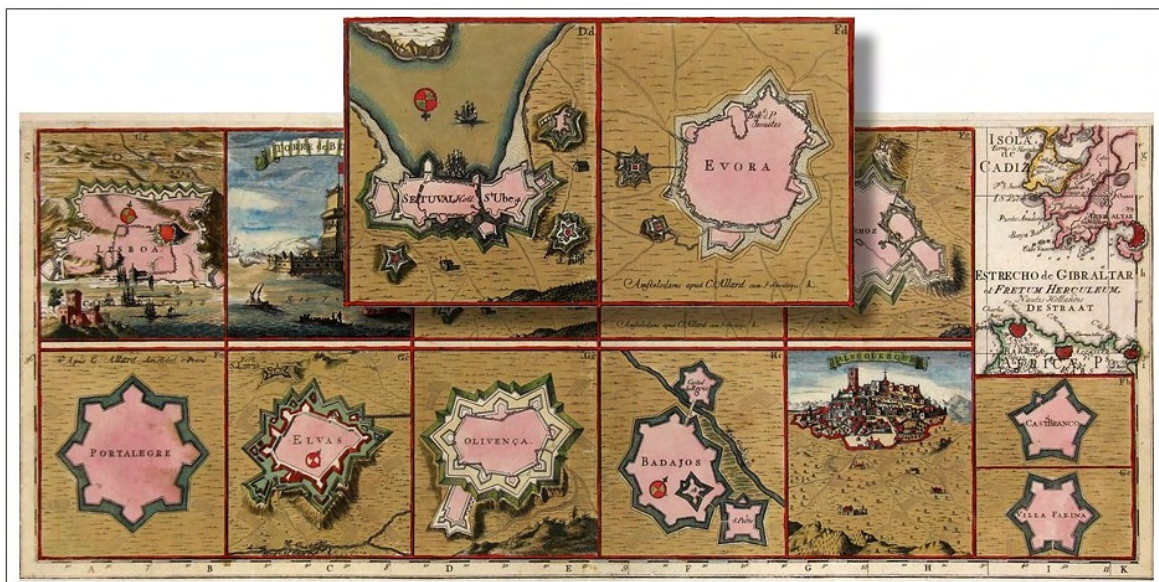


Fig. 3: Representação de várias fortificações: “Lisboa e Cacilhas”; “Torre de Belém”; “Setuval”; “Evora”; “Estremoz”; mapa com o “Estrecho de Gibraltar”; “Portalegre”; “Elvas”; “Olivença”; “Badajos”; “Albuquerque”; “Castel Branco” e “Villa Franca”, s. a., s. d., MC/CML. Salientámos o pormenor correspondente a “Setuval” e “Evora”.

A EXPANSÃO URBANÍSTICA PARA ALÉM DOS LIMITES AMURALHADOS

A fotografia constitui um testemunho fundamental para o conhecimento das cidades a partir de meados do séc. XIX. De Setúbal, destacamos as primeiras fotografias conhecidas, que contribuem para a compreensão da sua história urbana e arquitetónica, de Anthero Seabra e de *Francisco Rocchini*. Para Évora refira-se José Pedro Passaporte.

Nos finais do séc. XIX e séc. XX surgiram novas dinâmicas urbanísticas influenciadas nos movimentos europeus, nomeadamente nas reformas de Paris, que vieram alterar os parâmetros da cidade medieval. Com estas alterações urbanísticas das cidades resultaria uma qualidade ambiental que ultrapassava os limites da “cidade histórica”, e principiar um novo ciclo correspondente a uma fase económica fundamentada na indústria. Iniciou-se a adaptação das cidades às novas realidades com a implementação de equipamentos, de infraestruturas, passeios públicos, a criação de novos espaços públicos e a organização e regulamentação do edificado.

Em Évora, no respeitante a elementos cartografados, refira-se o contributo de Manuel Joaquim de Mattos, no início do século XX, e em meados do mesmo século, o do arquiteto urbanista *Étienne de Gröer*.

Datam do início do séc. XIX, as plantas de Setúbal com bastante detalhe da ocupação, quer urbana, quer rural, cujos levantamentos foram efetuados por Maximiano José da Serra e posteriormente, no início do séc. XX, por Luís Lança, constituindo documentos fundamentais para o conhecimento da evolução urbana através duma análise comparativa.

Devido à deslocação da corte para Lisboa a cidade de Évora entrou em declínio no final do séc. XVI até meados do séc. XIX, não tendo havido evolução urbanística e económica assinalável durante este período.

Numa cidade em que o tecido urbano se encontrava preenchido com a propriedade particular, os espaços anteriormente ocupados pelas casas religiosas facultaram áreas fundamentais para a recuperação urbanística e localização de serviços públicos. A construção do caminho-de-ferro proporcionou a evolução urbana de áreas específicas fazendo a ligação entre a estação e o espaço amuralhado. Em 1945 com o sistema político do Estado Novo, *Étienne de Gröer* recomendou intervenções no tecido urbano com o antepiano de urbanização, propondo a constituição de novos largos, abertura de diferentes arruamentos e realinhamento de outros, através do sacrifício de edificações existentes.

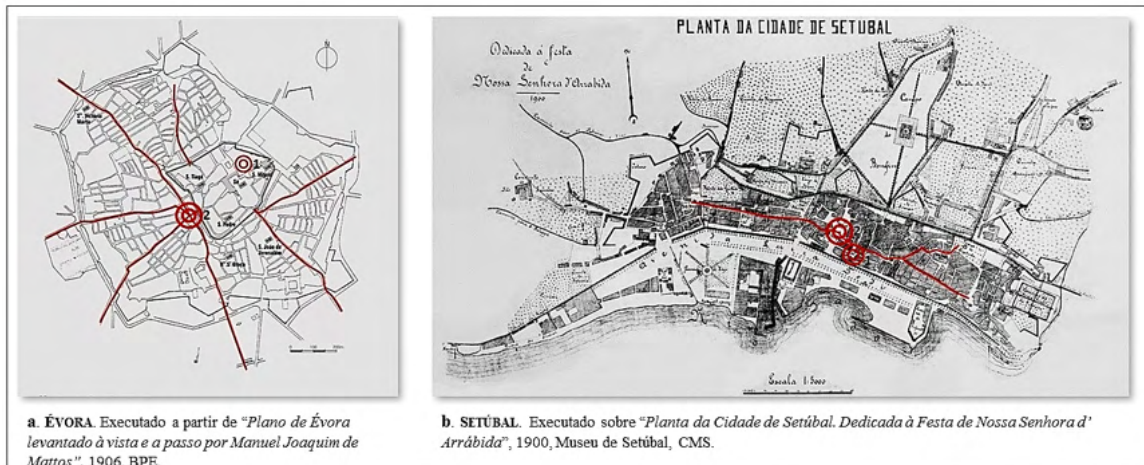


Fig. 4: Planta com a indicação dos centros urbanos (1: Centro inicial; 2: Centro a partir do séc. XVI), das principais vias na época medieval e da cintura de muralhas abaluartadas da época moderna.

A consolidação urbana de Setúbal nos limites impostos pela fortificação seiscentista manteve-se até aos finais do séc. XIX, época em que se iniciou o rompimento desta estrutura com a abertura de pontos de ligação a novas áreas de expansão. A terraplanagem efetuada sobre o Rio Sado permitiu a obtenção de novas áreas para edificação e a transformação da Rua da Praia e da praia na nova avenida, vieram alterar a morfologia urbana, tornando-se esta avenida no principal eixo estruturante da cidade. O desenho desta nova zona urbana continuava a orientação da Rua da Praia, paralela ao rio.

Os bairros sociais iniciados em meados do séc. XX, com o Estado Novo, destacaram-se na cidade pela extensa área ocupada. As intervenções urbanísticas realizadas tiveram enquadramento urbanístico no Plano Geral de Urbanização de 1944, do Arq. João de Aguiar. Deste plano destacamos que não é dada importância aos monumentos (muralhas) nem à estrutura urbana existente, prevendo-se demolições, que preconizam uma grande expansão, em zonamento, numa estrutura radial a partir da cidade antiga, indicam-se novos arruamentos em direção à já criada Av. Luísa Todi, cuja relevância é reforçada com a edificação de edifícios de referência, em detrimento da cidade antiga e a atual Av. Dr. António Rodrigues Manito constitui um grande eixo viário².

Largas avenidas novas, com duas faixas de rodagem separadas por um espaço central arborizado³, foram criadas traçadas perpendicularmente e paralelamente à avenida Luísa Todi, projetando a cidade para Norte e para Nascente com a construção de novos bairros.

O antepiano de urbanização, da autoria do arquiteto urbanista *Étienne de Gröer*, elaborado para Évora, que teve o seu início em 1942, propunha tipos de intervenções

² Este plano não foi totalmente concretizado.

³ Esta tipologia de arruamento tem vindo a ser alterada. Atualmente, existe apenas na Avenida 22 de Dezembro.

distintas para diferenciados cenários socio-urbanos. Exterior a todo o espaço amuralhado, e à data ainda muito pouco edificado, *Gröer* propunha a construção de uma nova zona urbana com características de “cidade jardim” envolvente ao limitado núcleo antigo da urbe á data existente⁴ criando dessa forma um “pulmão” (Brito & Camarinhas, 2007) que permitisse uma melhor qualidade ambiental. O espaço urbano definido pelos sucessivos planos de urbanização foi estruturado através da construção de um conjunto de vias, umas radiais, outras circulares, que permitia a interligação dos diversos bairros dispersos pela área envolvente ao centro histórico. De referir que parte dessa estrutura viária ainda não foi totalmente concretizada por razões de ordem vária. A constituição de eixos de circulação, interiores ao espaço amuralhado, simultaneamente com o reforço construtivo ao longo dos seus percursos iria, segundo *Gröer*, criar uma imagem urbana mais intensa e adequada às exigências dos novos tempos. A nível de tipologia habitacional foram promovidos pelo Estado empreendimentos de habitação social edificados em altura, contrariando todo o espírito inicial dos anos 40. Nos espaços intersticiais entre a zona amuralhada e o novo perímetro urbano envolvente às muralhas foram previstos para utilização dos residentes em ambos os espaços, zonas de equipamentos, em pontos fulcrais. Estes espaços seriam sempre localizados junto a eixos estruturantes, perto das principais portas do recinto amuralhado situando-se ou do seu interior ou imediatamente na área envolvente possuindo também invariavelmente áreas de estacionamento que as complementariam.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento destas cidades realizou-se durante os mesmos momentos do decurso da história, através das ações interventivas das populações que influenciaram a forma do espaço urbano, no entanto as suas respetivas géneses urbanas baseadas na influência geo-ambiental persistiu e diferenciou estas cidades, e apesar das suas idiossincrasias os vestígios que subsistiram são distintos. Podemos confirmar que estas características se mantiveram ao longo da história, através da leitura dos documentos cartográficos e iconográficos que a acompanham.

Isso verifica-se na influência romana que definiu o traçado reticulado ainda hoje subsistente no núcleo amuralhado inicial de Évora. Esta estrutura organizacional romana foi alterada na época medieval, e a partir do séc. XVI, tendo mantido a ocupação urbana delimitada pelas muralhas até à expansão no séc. XX. No séc. XIX a cidade iniciou a

4 O antepiano de *Étienne de Gröer* teve na sua génese uma nova técnica de planeamento urbano baseada em projeções demográficas e integrando análises económicas. Incluía também zonamentos (preconizados por *Le Corbusier* e pelo conjunto de técnicos que estiveram na génese da Carta de Atenas - refletindo o seu conhecimento do que então se passava na Europa a nível urbanístico e arquitetónico) e em novas formas e programas urbanísticos. Do antepiano existem ainda na posse da CME, quatro plantas referentes respetivamente a: “*Plan de zones schema des grandes voies*” datada de 1942; “Antepiano” datado de 1945; duas peças desenhadas não datadas: uma referenciada como “planta das zonas” e uma última como “Planta de apresentação”. Carta de Atenas, Carta de Atenas Sobre o Urbanismo Moderno - Atenas, 1933. Deste IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna, resultou numa carta onde ficaram definidos os critérios do urbanismo moderno.

sua adaptação ao automóvel, com o alargamento das vias existentes e o consequente rasgamento das muralhas. Foi criada uma cintura viária da qual partiram os novos eixos viários, na continuidade da anterior estrutura da cidade que continuou a ter um papel dominante, com o seu centro polarizador na Praça de Giraldo.

No caso de Setúbal, a localização e a sua geomorfologia asseguraram-lhe as condições de defesa, de sustentabilidade e de desenvolvimento do tecido urbano que foi sendo formado e desenhado, sob a orientação de eixos viários paralelos à linha de costa e o surgimento progressivo de praças, tomando uma forma alongada. Iniciou a alteração da sua organização morfológica no séc. XVI, tendo mantido o traçado medieval e a consolidação urbana limitada pela fortificação seiscentista até aos finais do séc. XIX, época em que se iniciaram as novas linhas de intervenção urbanística e se verificou o rompimento desta estrutura para o estabelecimento de pontos de ligação a novas áreas de expansão e sobretudo no século seguinte com as áreas urbanas surgidas.

Nas duas cidades, Setúbal e Évora, verificamos a existência de uma morfologia urbana com desenhos diferenciados em função da sua origem, da sua relação com a cidade, com o seu centro urbano e com as tecnologias e tendências urbanísticas que fazem parte da sua história diacrónica.

REFERÊNCIAS

Brito, V., & Camarinhas, C. T. (2007). Elementos para o estudo do plano de urbanização da cidade de Lisboa (1938). *Cadernos do Arquivo Municipal*, 9.

Faria, A. d. (1901). *Portugal e Italia: Ensaio de Dicionario Bibliográfico* (Vol. 2). Leorne: Typographia de Raphael Giusti.

Maciel, M. J. (2006). *Vitruvio. Tratado de Arquitectura* (3ª. 2009 ed.). IST Press.

Magalotti, L., & Baldi, P. M. (1933). Satubal. Em L. Magalotti, A. S. Rivero, & A. Rivero (Edits.), *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)* (Manuscrito (1668-1669), BNCF, BML ed., pp. 118-123). Madrid: Sucesores de Rivadeneyra.

Monteiro, M. F. (2011). *Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano da Évora na Baixa Idade Média* (Tese de Doutoramento, Documento Policopiado ed.). Évora: Universidade de Évora.

Tomé, M. M. (2014). *SETÚBAL: Topologia e Tipologia Arquitectónica (séc. XIV - XIX). Memória e futuro da imagem urbana* (Tese de Doutoramento, Documento policopiado ed.). Covilhã: Universidade da Beira Interior.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arquitetura 1, 41, 42, 44, 45, 46, 66, 67, 68, 99, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 149, 150, 151, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 211, 214, 237, 252, 253, 254, 257, 258, 261, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275

Arquitetura bioclimática 109, 112, 114, 115, 117, 120, 121, 130, 131, 133

Arquitetura escolar 108, 109, 110, 115, 117, 118

Arquitetura popular 120, 121, 131, 132, 133

Arte 20, 41, 44, 45, 46, 49, 54, 93, 94, 96, 97, 167, 200, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 226, 234, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 257, 258, 263, 266, 269, 270, 272

Arte rupestre 240, 241, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 251

C

Cartografia 15, 67, 68, 69

Centro de interpretación 242, 247

Cidade 16, 17, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 90, 92, 93, 95, 100, 112, 114, 115, 119, 136, 148, 151, 159, 200, 201, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 235, 237, 258, 269, 272

Cinema 200, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221

Cinema documentário 200, 201

Conforto 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 149, 155, 168

Construção 42, 43, 46, 63, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 82, 88, 89, 92, 93, 98, 99, 110, 111, 112, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 133, 141, 168, 169, 172, 177, 180, 182, 189, 190, 199, 204, 211, 212, 215, 217, 218, 219, 229, 233, 237, 238, 252, 254, 255, 256, 264, 265, 266, 267, 271, 274

D

Design participativo 79

Desmilitarización 18

Documento 69, 78, 181, 205, 211, 212, 213, 221, 260

E

Espaço público 52, 65, 66, 80, 84, 90, 91, 92, 263, 273

F

Favela 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Forma urbana 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 13

G

Gestão 51, 53, 66, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 181, 187, 189, 190, 198, 206, 257, 260, 261, 274

H

Heliponto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199

I

Iconografia 67, 68, 69

Iluminação natural 134, 135, 136, 138, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Inspeção predial 179, 180, 181, 187, 196, 198, 199

M

Museus 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 255, 260, 264, 269, 272

Museus comunitários 222, 223

O

Oscar Niemeyer 252, 253, 254, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 274

P

Paisagismo 95, 96, 97, 99, 170

Pampulha 252, 253, 254, 257, 258, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Parques urbanos 51, 52, 66

Patrimônio 45, 48, 49, 64, 91, 95, 96, 97, 99, 105, 106, 107, 196, 200, 201, 209, 210, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 235, 237, 252, 254, 257, 258, 261, 262, 268, 272, 273

Patrimônio cultural 48, 49, 96, 200, 201, 209, 210, 257, 258, 268, 273

Planejamento 41, 42, 51, 53, 81, 85, 98, 108, 189, 196, 268, 275

Plataforma de distribuição de carga (PDC) 179

Porosidade 151, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165

Processo criativo 166, 170, 173

R

Restauração 73, 252, 257, 263, 265, 268, 270, 271

Roberto Burle Marx 95, 96, 101, 105, 106, 107

S

Seguridad 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 244

Simulação computacional 116, 117, 118, 151, 154, 159, 165

Software 100, 101, 102, 107, 114, 115, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 152, 153, 154, 159, 163, 166, 168, 170

T

Tecido urbano 42, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 78

Tempo 1, 46, 49, 52, 81, 83, 92, 98, 99, 101, 121, 125, 130, 137, 138, 139, 144, 151, 153, 154, 155, 158, 166, 167, 168, 169, 174, 180, 181, 185, 186, 193, 197, 200, 202, 203, 206, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 256, 258, 264, 273

Turismo 42, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 241

U

Urbanismo 1, 7, 17, 18, 28, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 66, 77, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 118, 119, 149, 151, 165, 166, 177, 211, 214, 222, 237, 252, 253, 257, 258, 263, 268, 269, 272, 275

Urbanismo tático 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92

V

Ventilação natural 114, 129, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 162, 164, 165

Vigilancia natural 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 39

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br